

## **A CRIANÇA COM TRANSTORNO OPOSITIVO DESAFIADOR: INCLUSÃO, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Fabiana Zanol Araujo  
PMV/UFES  
[fabianazanol@terra.com.br](mailto:fabianazanol@terra.com.br)

Michell Pedruzzi Mendes Araújo  
Doutorando pelo PPGE/UFES  
[michellpedruzzi@yahoo.com.br](mailto:michellpedruzzi@yahoo.com.br)

Eixo Temático: 2- Propostas Curriculares e Práticas pedagógicas  
Comunicação Oral

**Resumo:** O Transtorno Opositivo Desafiador é caracterizado por comportamentos de negação, desafiadores, desobedientes e hostis para com figuras de autoridade. Em geral, as crianças começam a apresentar as características no início da infância, época em que esses comportamentos são esperados. Por isso, há necessidade de se avaliar em que situações esses comportamentos ocorrem, a intensidade e prejuízo que geram a fim de distinguir esse transtorno dos desafios normais da idade. Tendo em vista a complexidade do transtorno supracitado e a presença de um aluno com o mesmo em uma escola de ensino comum do município de Vitória-ES, na qual trabalhamos, resolvemos fazer este estudo que tem como objetivo central trazer à tona o processo de inclusão do indivíduo com esse transtorno nas aulas de educação física. Para atingir o objetivo exposto, recorreremos à pesquisa-ação porque se constitui uma metodologia importante para colocar em colaboração o praticante e o pesquisador na implementação de ações didático-pedagógicas. Para a produção de dados, utilizamos a observação participante e, para a interpretação deles, recorreremos aos pressupostos da perspectiva sócio-histórica de Vigotski e de seus colaboradores. Entendemos, pois, que essa perspectiva potencializa a compreensão do ser humano a partir das relações que estabelece com os seus pares. Como resultados desse trabalho, ressaltamos a necessidade de propostas metodológicas para o trabalho pedagógico com a criança com esse transtorno, considerando cada criança como um ser singular. Por isso, nós professores devemos observar quais atividades a criança aprecia realizar dentro do contexto escolar, assim, o contexto social e cultural do sujeito será valorizado e as características das síndromes ou transtornos serão deixadas em segundo plano.

**Palavras-chave:** Inclusão. Transtorno Opositivo Desafiador. Educação Física.

## Introdução

A inclusão dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades na escola comum está assegurada legalmente, de modo que, hoje não é o aluno que está obrigado a se adaptar à escola, mas a escola tem que se organizar para recebê-lo. Para Sobrinho (2003, p. 12), “Incluir é fazer parte, é compreender, é ser compreendido”.

Segundo Victor; Drago; Pantaleão (2013) e Carmo (2002), esse crescimento inclusivo nas escolas, tem deixado professores e gestores confusos ou tendo que buscar, cada vez mais, respostas de como atender no mesmo espaço – tempo crianças que apresentam diferentes histórias de vida.

Nesse contexto de diferenças no contexto da escola comum emerge esse trabalho que tem como principal objetivo trazer à tona o processo de inclusão de um aluno com transtorno opositivo desafiador (TOD<sup>1</sup>) nas aulas de educação física. Sendo esse um transtorno psicossocial recente e pouco conhecido, fez com que o interesse sobre o tema aumentasse e começássemos então, a pesquisar mais sobre o assunto. Com base na experiência diária e nas leituras sobre o assunto, percebemos a complexidade do processo de inclusão escolar de um aluno com TOD, pois esse processo não se resume em seguir uma receita ou manual, mas é algo que é construído por meio da vivência com a criança no espaço escolar.

De forma a atingir os objetivos supracitados, recorreremos à metodologia pesquisa-ação (ABREU, 2011). Isso porque entendemos que a pesquisa-ação se constitui como um instrumento metodológico importante para colocar em colaboração o praticante e o pesquisador na implementação de ações didático-pedagógicas, que possam fazer frente ao processo de inclusão de crianças com TOD nas aulas de Educação Física.

Cabe destacar que Transtorno Opositivo Desafiador (TOD) consiste em um transtorno psicológico caracterizado, principalmente, por comportamentos

---

<sup>1</sup> Utilizaremos a sigla TOD para nos referirmos ao Transtorno Opositivo Desafiador.

apresentados pela criança no sentido de agir contrariamente àquilo que se pede ou se espera dela. Diferentes comportamentos caracterizam o problema: Segundo Kaplan *et al.* (2003, p.995, grifo do autor), “o Transtorno opositivo desafiador consiste em um padrão persistente de comportamentos negativistas, hostis e desafiadores na ausência de sérias violações de normas sociais ou direitos alheios”.

É importante antever que o presente trabalho se justifica para gerar a oportunidade de contribuir para o avanço qualitativo do ensino, fornecendo-se subsídios para uma reflexão desse transtorno e a inclusão na Educação Física Escolar. Nesse caminho, escolhemos fazer uma pesquisa qualitativa, com uma abordagem sócio-histórica, baseando-nos nos conceitos de Vigotski e de outros autores que imprimem em seus textos raízes sócio-históricas.

Iniciaremos o presente texto com a definição de transtorno opositivo desafiador (TOD), tendo em vista os aspectos fenotípicos. Traremos também a proposta metodológica do estudo e suas implicações epistemológicas. Em seguida, dissertaremos acerca da inclusão do indivíduo com esse transtorno nas aulas de Educação Física, considerando o ser humano em suas dimensões biológica, social e cultural. Por fim, traremos à tona algumas tecituras acerca da inclusão dos sujeitos com esse transtorno a âmbito da escola comum.

### **Transtorno opositivo desafiador: principais características**

As características do TOD variam de acordo com a idade da criança e a gravidade do transtorno. O critério de gravidade desse transtorno se caracteriza em quantos ambientes as crianças apresentam essas características. Se apenas no ambiente familiar, e/ou na escola, ou em todos os ambientes que ela frequenta, esta seria com maior gravidade. A causa do TOD em crianças é avaliada por questões familiares como conflitos na relação familiar ou discórdia conjugal, e fatores genéticos associados a desencadeadores ambientais. Além disso, outros estudos sugerem que mães com transtorno depressivo estão com

maior probabilidade de ter uma criança que possa desenvolver o TOD (RELVAS, 2010).

Em relação aos vários procedimentos de tratamento para TOD, autores referem-se a diferentes estratégias como: O tratamento primário para o TOD consiste em uma psicoterapia individual para a criança, com aconselhamento e treinamento direto dos pais, acerca de habilidade de manejo da criança (KAPLAN, SADOCK e GREBB, 1997, p.996).

Acerca do tratamento do TOD, Teixeira (2006, p. 2) disserta que o procedimento medicamentoso é algo que ainda não está bem definido, pois não há nada bem específico em se tratando desse transtorno. O autor, entretanto, sugere que por meio de vários trabalhos científicos e muitos artigos estudados relatam o uso de psicofármacos<sup>2</sup> no manejo dos sintomas opostos desafiadores apresentados pela criança.

Vale ressaltar que, para as crianças com esse diagnóstico do TOD, é de fundamental importância o tratamento adequado o quanto antes, para assim evitar um possível risco de evolução do transtorno que, muito provavelmente, causará prejuízos significativos em seu desempenho com os seus colegas de sala de aula, professores e provavelmente no meio familiar e qualquer relação social da criança opositora.

Luiselli (2005) também afirma ser provável que crianças que apresentam reações emocionais extremas, irritabilidade crônica, impulsividade e falta de atenção, tendem a desenvolver comportamentos de oposição. Essas crianças que apresentam temperamento difícil não se acalmam facilmente, não aceitam bem às mudanças ambientais e são “resmungonas”. Por outro lado, segundo o autor, os principais padrões de comportamento dos pais, observados em famílias de crianças que têm um TOD são: a imaturidade, a falta de experiência com relação à educação dos filhos, a hostilidade e a habilidade emocional.

---

<sup>2</sup> São substâncias químicas que alteram o comportamento, o humor, a percepção ou as funções mentais. São utilizados para tratar pacientes com distúrbios mentais. A maioria age alterando o processo de neurotransmissão. (egolegal.blogspot.com/2011/11/o-que-são-pisicofarmacos, Acesso em Agosto de 2017) .

O mesmo autor ressalta que, em certo sentido, fatores relacionados a problemas conjugais podem determinar uma tendência nos pais a se comportarem e responderem a seus filhos de forma que aumente a probabilidade de encontrarem desobediência, oposição e desafio. A identificação das características da criança e dos pais indica a importância de compreender os intercâmbios recíprocos nas interações crianças/pais no desenvolvimento e manutenção do TOD (LUISELLI, 2005).

Veremos neste trabalho que a aprendizagem nas aulas de educação física do sujeito opositor, em sua maioria, acontece pela emoção, muito mais pelo funcionamento das condições biológicas e orgânicas. O processo de ensino/aprendizagem flui das emoções, a empatia ou apatia com o qual esses sujeitos sentem ao experimentar algo.

### **Referencial teórico**

Neste estudo recorreremos aos pressupostos da perspectiva sócio-histórica de Vigotski e de seus colaboradores. Entendemos, pois, que essa perspectiva potencializa a compreensão do ser humano a partir das relações que estabelece com os seus pares.

Segundo Vigotski<sup>3</sup> (2012), as funções superiores, na qual ocorre a aprendizagem, aparecem primeiro no nível social e, depois, no nível individual. Isto é, primeiro entre pessoas e, depois, no interior da criança. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos. O aprendizado é necessariamente mediado por linguagem; portanto, sempre ocorre em situações de interação e muito antes da criança entrar na escola, portanto deve-se levar em consideração a história prévia do sujeito e a cultura na qual está inserido.

---

<sup>3</sup> Optamos por essa grafia por se constituir uma transliteração mais próxima do português. Nas referências bibliográficas, no entanto, manteremos sempre como está escrito pelo autor.

Para Vigotski (2007) o aprendizado escolar que pretende produzir algo novo no desenvolvimento do aprendiz deve considerar a zona iminente de desenvolvimento, que seria a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, cuja solução de problemas se dá com orientação de um adulto.

Partindo dessa ótica Vigotskiana, que leva em conta os processos sociais de aprendizagem, poderemos potencializar a atuação do professor em sala de aula. A zona de desenvolvimento iminente e as oportunidades de propiciar aprendizado, as vozes que permeiam a aula e muitas outras considerações devem ser evocadas quando da elaboração de materiais de transposição didática. Para além disso, cabe ao professor se aproximar do aluno, no sentido de saber qual é a sua história e quais são os seus anseios.

## **Objetivos**

### Objetivo geral

Compreender o processo de inclusão de um aluno com transtorno opositivo desafiador (TOD) nas aulas de educação física.

### Objetivos específicos

- Identificar as atividades das aulas de educação física que despertam maior interesse pelo aluno com transtorno opositivo desafiador;
- Analisar a relação da criança com transtorno opositivo desafiador com os colegas na realização das brincadeiras;
- Promover a participação do aluno com transtorno opositivo desafiador no mesmo tempo-espço de aula, respeitando as regras e se apropriando da cultura corporal do movimento.

## **Metodologia**

Para entender e propiciar, efetivamente, o processo de inclusão dos sujeitos com transtorno opositivo desafiador nas aulas de educação física, optamos pela metodologia pesquisa-ação imersa em uma perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano. Autores como Abreu (2011) e Chicon (2005), reconhecem a pesquisa-ação como adequada para o processo de mudanças nas práticas pedagógicas de professores de Educação Física, ao perceberem seu potencial no levantamento de demandas docentes e discentes e nos procedimentos que visam atendê-las na busca por um avanço no cotidiano escolar.

Ao buscar uma compreensão acerca da inclusão dos sujeitos com deficiência, em nosso caso específico crianças com TOD nas aulas de Educação Física, pretendemos reconhecer que os professores, mais que reprodutores de uma cultura e de um conhecimento hegemônico, são produtores ativos de conhecimento e culturas. Pretendemos, também, reconhecer as crianças com transtornos como sujeitos de direitos e produtoras de cultura, seres sociais que têm protagonismo no processo de construção/apropriação desses conhecimentos e dessas culturas. Nesse sentido, a compreensão e a pretensão delineadas anteriormente tornam-se mais possíveis com a utilização da metodologia pesquisa-ação, quando permite que o professor (re)pense a sua própria práxis.

Compreendemos, portanto, que o processo de aprendizagem nas aulas de educação física, por parte de seus praticantes, com e sem deficiência, apresenta o espaço-tempo de produção do conhecimento, como um lugar de construção e inventividade, em que se estabelecem possibilidades de criações individuais e, sobretudo, coletivas.

Por isso é mais fértil produzir do que coletar dados e isso implica, para o pesquisador, fazer parte da aula, ser cúmplice, pois os praticantes, mais do que

objetos de análise, são sujeitos protagonistas, atores e, também, autores das pesquisas (FERRAÇO, 2006; ALVES, 2008 apud KLIPPEL, 2013).

Para a produção de dados, realizamos observação participante com a sistematização em diário de campo com documentos pedagógicos e registros icnográficos em uma escola pública de ensino fundamental.

Kramer (*apud* Klippel, 2013, p. 391) nos incentiva a enfrentar o desafio de pesquisar com as crianças no contexto concreto de intervenção pedagógica. Nesse sentido, destaca também que esse olhar sensível deve estar focado para “[...] entender a linguagem para além do pronunciado, compreender significados do corpo e seus movimentos”.

Sob esse prisma, temos em mente que pensar em outras metodologias para pesquisar o protagonismo de crianças com transtorno opositivo desafiador nas aulas de Educação Física, pressupõe compreender/reconhecer a linguagem corporal como uma dimensão importante e fundamental dessas crianças em sua relação com o mundo.

## **Desenvolvimento**

### Marcelo<sup>4</sup>: aluno com transtorno opositivo desafiador

Marcelo é proveniente de uma família em que os pais trabalham e as duas irmãs mais velhas estudam em outra escola. Desenha bem e gosta muito de histórias em quadrinhos, atualmente faz uso de medicação para o controle da ansiedade. Ele foi matriculado aos sete anos na escola onde trabalhamos, que é de ensino fundamental da Prefeitura de Vitória. O relatório vindo da educação infantil na qual frequentou, já tinha o laudo de TOD. Frequentou o segundo ano em 2009 e continuou até o ano de 2013, ano em que fizemos a nossa pesquisa com o TOD.

---

<sup>4</sup> Nome fictício para preservar a identidade do aluno.

No princípio, Marcelo era uma criança muito agitada e agressiva. Ele, assim como as outras crianças, estranhou a nova escola e tinha dificuldade de ficar dentro da sala de aula. Por algum tempo, os pais buscavam Marcelo antes do horário da saída, porque ele sempre pedia para ir embora e ficava agressivo.

O horário de Marcelo na escola foi modificado. Ele passou a ficar mais tempo com atendimento na sala de recursos para educação especial e nas aulas de artes. Não tinha um bom relacionamento com os colegas, as brigas e as discussões eram constantes e ele não frequentava muito as aulas de educação física. Com o passar dos anos, Marcelo aprendeu a ler, começou a frequentar o laboratório de informática e também a biblioteca.

Segundo a professora de educação especial da escola em sua avaliação final do ensino fundamental 1:

Marcelo é uma criança muito desafiadora, que apresenta muitos problemas de relacionamento. Nas aulas de educação física fracassa bastante, pois não consegue trabalhar em equipe e não respeita regras. Nas aulas de artes, embora goste de desenhar, não apresenta avanços em seu traço e não consegue manipular o material junto com os outros colegas. Seu rendimento em relação ao conteúdo é bom, sabe ler, escrever e interpretar e consegue fazer operações simples de matemática.

Nesse caminho, no ano de 2013, Marcelo avançou para o 6º ano do ensino fundamental, ano em que começamos o trabalho com ele, pois as nossas aulas eram ministradas para o ensino fundamental 2, ou seja, do sexto ao nono ano.

#### Aproximações entre o professor e o aluno com transtorno opositivo desafiador

Para conseguirmos a aproximação com o sujeito opositivo, primeiramente, buscamos entender o que era o TOD. A compreensão desse transtorno é importante para que a escola e os professores tenham uma visão sistêmica do processo ensino-aprendizagem no qual este aluno está inserido, auxiliando o pleno desenvolvimento da aprendizagem das crianças que apresentam o transtorno e a sua inclusão e aceitação pela comunidade escolar. Os professores, ao se aproximarem, tornam-se elos importantíssimos para as crianças com TOD, pois é por meio das estratégias e do alto comprometimento

com o ensino que o professor promove a autoestima dos alunos, estimulando a confiança e satisfação perante suas conquistas.

Nossa aproximação demorou alguns dias, nos primeiros dias de aula, Marcelo ficava afastado e de longe, só observava o que estava acontecendo nas aulas. Com o tempo, fomos estabelecendo alguns momentos de diálogos, mas sempre afastado do grupo. Conversamos sobre a relação dele com a família, perguntamos o que ele fazia em casa, do que ele mais gostava na escola e porque ele não gostava de fazer educação física. Percebemos que a relação com a família é muito boa, ele cita muito o pai e as irmãs, sempre elogiando. Em casa gostava de assistir televisão e jogava vídeo game. Na escola, a sua preferência era o laboratório de informática para ficar jogando, e em relação às aulas de educação física, dizia que era muito chata e que os alunos da sua turma ficavam implicando muito, por isso não gostava.

Para Magalhães,

É válido ressaltar que a comunicação é um elemento decisivo para o processo da inclusão, ou seja, repetimos que a orientação básica é: Falem com elas! Trata-se de considerar a pessoa deficiente sujeito de sua aprendizagem. Neste sentido, a escola não é somente espaço de socialização, mas a instituição na qual as gerações mais jovens têm acesso ao conhecimento socialmente construído pela humanidade (MAGALHÃES, 2011, p.87).

Após a aproximação com Marcelo, fizemos uma conversa com a turma no momento em que ele não estava. Explicamos sobre o TOD e enfocamos a importância de melhorar a relação deles com Marcelo. Nesse sentido, Magalhães afirma que qualquer pessoa é única, singular na sua forma de ser e estar no mundo. Nossa identidade se constitui na medida em que construímos formas de intercâmbios sociais.

Só então começamos a pensar em práticas metodológicas que pudessem envolver todos os alunos da turma, incluindo Marcelo. Discutir sobre as propostas metodológicas para o trabalho pedagógico de criança com TOD não é uma tarefa tão simples. Implica compreender conceitos sobre a inclusão escolar para assim percebermos a extrema importância dessas propostas na dinâmica com a criança com o transtorno na escola.

Nesse contexto, repensamos as práticas pedagógicas direcionadas aos alunos com TOD e registramos uma proposta pedagógica no programa de ensino para o sexto ano do ensino fundamental. A proposta pedagógica foi assim delineada:

Proposta pedagógica: cultura corporal de movimento – confecção de brinquedos, brincadeiras. Temas transversais: meio ambiente e reciclagem.

Estratégias de ensino:

- Dialogar constantemente com os alunos;
- Realizar atividades a partir de sugestões dos alunos;
- Planejar e confeccionar brinquedos;
- Realizar atividades que enfatizam a importância de se preservar a natureza.

Marcelo e os alunos do sexto ano nos ajudaram a pensar nas aulas de forma com que todos participassem. Começamos com uma conversa onde os alunos diziam quais eram as atividades físicas que mais gostavam e quais eram os brinquedos favoritos. A maioria respondeu que gostava de futebol e de queimada e dentre os brinquedos escolhidos, a preferência foi pelos jogos eletrônicos. Em relação aos jogos pré-desportivos e aos esportivos, Vigotski afirma que:

Os jogos esportivos (não somente os esportes atléticos, mas também outros jogos que podem ser ganhos ou perdidos), são, com muita frequência, acompanhados do desprazer, quando o resultado é desfavorável para a criança (VIGOTSKI, 2007, p. 107).

Para um sujeito opositivo, os jogos esportivos podem dificultar o seu aprendizado, pois vimos que Marcelo tinha dificuldade de aceitar as regras e jogar em equipe. Dessa forma, não pretendíamos trabalhar com jogos esportivos no início do ano. Quanto aos brinquedos, sugerimos aos alunos que fossem confeccionados alguns brinquedos com materiais recicláveis, assim aproveitaríamos para abordar a questão do lixo e meio ambiente que era o tema

da mostra cultural daquele ano e também usariam a imaginação na montagem dos brinquedos.

Na fala de Vigotski,

A atividade de imaginação criadora é muito complexa e depende de uma série de diferentes fatores. Por isso, é completamente compreensível que essa atividade não possa ser igual na criança e no adulto, uma vez que todos esses fatores adquirem formas distintas em diversas épocas da infância (VIGOTSKI, 2009, p. 43).

Sabemos que a imaginação depende da experiência que a criança traz culturalmente. Dessa forma, buscamos compreender quais eram as experiências que Marcelo e os alunos do sexto ano traziam na medida em que usassem a imaginação para a confecção dos brinquedos.

### **Aproximação com as brincadeiras e com a turma**

#### **1. Confecção de brinquedos**

Os materiais usados foram: copos descartáveis, garrafas pet, barbante, latas de leite, corda de varal e papéis. Ao usarem a imaginação, os brinquedos feitos pelos alunos foram:

- **Telefone com fio** - Material: copos descartáveis e barbantes.
- **Bilboquê** - Material: garrafa pet, barbante e papel.
- **Vai e vem** - Material: garrafa pet e corda de varal.
- **Pé na lata** - Material: latas de leite e barbante.

Para Chicon (2004, p.23), “o brinquedo tem uma dimensão material, cultural e técnica. É o estimulante material para fazer fluir o imaginário infantil”. Dessa forma, as metodologias diferenciadas que proporcionam o aprendizado de todos os alunos, ampliam também, o trabalho pedagógico com a criança com TOD, pois possibilitará caminhos e estratégias para atender as necessidades da criança com esse diagnóstico, principalmente em relação ao ensino

aprendizagem, na interação com seus pares, que é uma das suas maiores dificuldades.

Ao distribuímos os materiais, percebemos que na medida em que foram criados os brinquedos, Marcelo demonstrou um interesse muito grande e sempre pedia que nós ajudássemos a confeccionar o seu brinquedo. O primeiro brinquedo que Marcelo pegou foi o telefone com fio e em seguida, chamou um colega de sala e foi brincar. Neste momento, o brinquedo confeccionado contribuiu para a interação de Marcelo com os outros sujeitos, no mesmo espaço-tempo de aula. Subindo nas grades da quadra, Marcelo usou ainda a imaginação para dizer que ali era a torre onde ficava a antena do telefone móvel e que ele teria que consertar, pois estava tendo muita interferência e as pessoas não estavam conseguindo se comunicar direito. O interesse de Marcelo aumentou e ele, com a ajuda dos colegas, terminaram de confeccionar os outros brinquedos.



Figura 1 – Marcelo na “torre do telefone móvel”

Figura 2 - Brincadeira do telefone com fio

Nesse contexto, é importante trazer a fala de Vigotski. O autor afirma que:

A brincadeira, que referimos como melhor mecanismo educativo do instinto, é ao mesmo tempo a melhor forma de organização do comportamento emocional. A brincadeira da criança é sempre emocional, desperta nela sentimentos fortes e nítidos, mas a ensina a seguir cegamente as emoções, a combiná-las com as regras do jogo e o seu objetivo final (VIGOTSKI, 2010, p.147).

Assim, a brincadeira constitui, para Marcelo, uma das formas de se relacionar com os colegas nas aulas de educação física, sem agressividade ou discussões

e sem se colocar contrário as regras, pois as regras nesse momento eram confeccionar o brinquedo e brincar. E assim ele participou da confecção e das brincadeiras dos outros brinquedos citados, alcançando assim, o nosso objetivo de aproximação do Marcelo conosco e com a turma.

## 2. Participação efetiva nas aulas de educação física

Na medida em que os objetivos de aproximação e participação nas aulas de educação física foram alcançados, avançamos no conteúdo. O próximo passo era fazer uma discussão sobre o meio ambiente e trazer os problemas que afetam a natureza. Dentre os problemas citados, enfatizamos a poluição dos rios. Perguntamos aos alunos quais atividades físicas poderiam ser feitas na natureza. Eles elencaram como principais atividades a trilha, a tirolesa, a escalada, a corda bamba, dentre outras. Marcelo ouvia atento junto do grupo e participava de forma ainda tímida.

O trabalho desenvolvido foi resultado de muitas observações do comportamento de Marcelo na escola, para assim ter maior chance de desenvolver um trabalho que despertasse a sua curiosidade e o seu interesse em aprender. Por isso, é importante dizer que os recursos empregados nesse processo têm grande responsabilidade em construir melhores caminhos para o aprendizado da criança com TOD e a construção de laços afetivos com seus colegas.

As propostas metodológicas supracitadas para o trabalho pedagógico com a criança com TOD ajudam no processo de ensino-aprendizagem, no seu desenvolvimento cognitivo e na construção do pensamento abstrato. São metodologias que podem ser adaptadas, transformadas e (re)criadas de acordo com a criatividade da professor(a) e do que os alunos demonstram interesse em aprender.

Das atividades citadas, escolhemos a corda bamba que consiste duas cordas paralelas, uma alta e outra baixa onde os alunos devem atravessar segurando a corda acima da cabeça e apoiando os pés na corda próxima ao chão. Nessa atividade, obtivemos uma participação efetiva de todos os alunos do sexto ano.



Figura 3 - Marcelo na Corda bamba

### **Considerações finais**

Diante do estudo e da prática realizada com um aluno com TOD, é importante dizer que essa pesquisa proporcionou uma reflexão ampla acerca das dificuldades de inclusão escolar da criança com TOD e contribuiu para a superação dos desafios da inclusão nas aulas de educação física.

Enfatizamos a necessidade de propostas metodológicas para o trabalho pedagógico com criança com TOD, em que cada criança possa ser vista como um sujeito singular, único em sua constituição sócio-histórica.

Acreditamos que essa pesquisa pode possibilitar muitas reflexões a respeito do assunto e incentivar outras pesquisas com relação à prática da inclusão escolar da criança com TOD, além de possibilitar mais informações para aqueles que também se identificam com a prática da inclusão escolar.

É importante enfatizar que o presente estudo traz possibilidades de inclusão e práticas pedagógicas nas aulas de educação física que consistem em ferramentas a serem utilizadas por profissionais que lidam diretamente com esses sujeitos e não se constituem regras para todos os indivíduos com essa síndrome, haja vista que cada ser é fruto das suas relações sociais e históricas com o meio (VIGOTSKI, 1996, 1997, 2007, 2010).

As mudanças que ocorreram na vida de Marcelo e na escola foram potencializadas pelas práticas pedagógicas. Fomos informados que a partir do momento em que a equipe pedagógica passou a refletir, com a ajuda do professor de educação especial e de educação física, sobre as necessidades e possibilidades do sujeito com transtorno opositivo desafiador, começaram a pensar em uma proposta pedagógica para todos os sujeitos da escola, sem reduzir o currículo. Um dos pontos iniciais foi conhecer melhor o aluno Marcelo e sua história de vida, não focalizando as práticas somente nos laudos que foram deixados pela família.

Nesse sentido, nosso pensamento acerca da inclusão escolar do sujeito com TOD converge com o olhar de Freitas (2013, p.17). Nas falas do autor:

Desenvolver uma “atitude inclusiva” não significa apenas conduzir sujeitos para dentro de disciplinas e fronteiras acadêmicas. O que está em questão é enxergar o outro sem reduzi-lo às marcas de seu corpo; às mutilações que sofreu ou as ineficiências que seu organismo expõe quando comparado a outro.

O que foi exposto anteriormente torna-se latente em nossas escolas, haja vista que o Estado garante o acesso dos alunos às escolas, mas inúmeras vezes não

proporciona meios que garantam a permanência desses sujeitos. É nesse caminho que estudos como esse que foi realizado com o sujeito com o transtorno opositivo desafiador nas aulas de educação física devem ser anunciados. Práticas pedagógicas como essas desenvolvidas com os sujeitos com deficiência precisam ser disseminadas, a fim de que outras/novas possibilidades de trabalho com esses sujeitos surjam em nossas escolas. Estamos sedentos de práticas pedagógicas potencializadoras, que propiciam o acesso do conhecimento a todos e não concordamos com uma escola que apenas recebe matrículas de alunos.

## Referências

ABREU, J. R. G. **Inclusão na Educação Física Escolar: Abrindo Novas Trilhas**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

CARMO, A. A. do. **Inclusão escolar e a educação física: que movimentos são estes?** *Revista Integração*, Brasília, ano 14, p.6-13, mar. 2002. Edição especial: Educação Física Adaptada.

CHICON, J. F. **Inclusão na Educação física escolar: construindo caminhos**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de pós- Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

CHICON, J. F. **Jogo, mediação pedagógica e inclusão: a práxis pedagógica**. Vitória: ADUFES, 2004.

FREITAS, M. C. de. **O aluno incluído na educação básica: avaliação e permanência**. São Paulo: Cortez, 2013.

KAPLAN, H I.; SADOCK J.; GREB. A. **Compêndio de Psiquiatria: Ciências do comportamento e Psiquiatria Clínica**. 7. ed. 3. reimpressão. Porto Alegre: Artmed, 1997.

KLIPPEL, M. V. **O jogo na Educação Física Infantil: usos e apropriações em uma CMEI de Vitória/ES**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Universidade Federal do Espírito Santo, 2013.

LUISELLI, J. K. Características clínicas e tratamento do transtorno desafiador de oposição. In: **V. E. Caballo e M. Simon (Orgs.)**. Manual de psicologia clínica

infantil e do adolescente: Transtornos específicos. São Paulo: Santos, 2005. (p. 39- 55).

MAGALHÃES, R. C. B. P. (Org.) **Educação inclusiva e escolarização: política e formação docente**. Brasília: Liber Livro, 2011.

RELVAS, M. P. **Neurociência e transtornos de aprendizagem: as múltiplas eficiências para uma educação inclusiva**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010.

SOBRINHO, F. P. N. **Inclusão educacional: Pesquisa e interfaces**. Rio de Janeiro: Ed.Livre Expressão. 2003.

TEIXEIRA, G. **Terapêutica medicamentosa no transtorno desafiador opositivo**. **Arquivos brasileiros de psiquiatria, neurologia e medicina legal** – vol. 100 nº 02; abr/maio/jun 2006. Disponível em: <http://www.comportamentoinfantil.com/tdo1.pdf>. Acessado em 17 de novembro de 2014.

VICTOR, S. L.; DRAGO, R.; PANTALEÃO, E.(ORGS.). **Educação especial: indícios, registros e práticas de inclusão**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7° Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

\_\_\_\_\_. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

\_\_\_\_\_. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. 12° edição-São Paulo: Ícone, 2012.

\_\_\_\_\_. **Obras escogidas V – Fundamentos de Defectologia**. Madri: Visor, 1997.

\_\_\_\_\_. **Psicologia pedagógica**. 3° Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.